



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

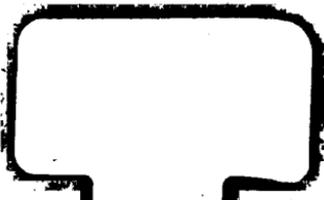
- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



3 3433 08159986 6



20
Noleij
7/71
w

IMITAÇÃO,
PARODIA E CENTONISAÇÃO

DE
DEZ ESTROPHES
DOS
LUSIADAS DE CÂMÕES
EM
1828

POR
FR. CHRISTOVÃO OSORIO
RELIGIOSO TRINITARIO :

COM
UM PRÉAMBULO
DO

PROFESSOR DECANO DO LYCEU BRACARENSE

Pereira-Caldas

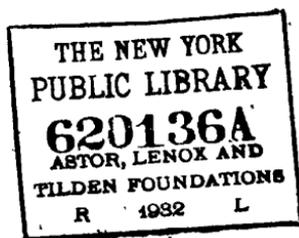


NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

BRAGA
Typographia de Gouvea

1884

arodies, Portuguese.
Carnaveus, Luis de, ... : Lusitana.



É de 44 exemplares a tiragem : 2, em cartão rosa ; 3, em cartão telha ; 3, em cartão verde ; 3, em cartão carne ; 3, em cartão palha ; 4, em papel verde ; 4, em papel pedrez ; 4, em papel amarelado ; 4, em papel alaranjado ; 4, em papel arroiado ; e 10, em papel branco escolhido.

Não se expõem um exemplar sequer á venda : — e serão numerados e timbrados todos.

PERMUTAN-SE os exemplares em cór.



387270

'29



« Ditosas verdades »

Soror Violante do Ceo—PAR-
NASO LUSITANO, T. I. P. 432.

I. — Em 1628, imprimiu-se em LISBOA — na officina de *Pedro Craetsbeeck* — uma « obra » de *muita raridade* agora, no formato do nosso 8.º pequeno, equivalente ao formato francez de 16.º

Foi auctor d'esta « obra » *Fr. Christovão Osório*, religioso da « Ordem da Trindade », instituida nos fins do seculo XII = 1198 = por dois varões de famigerada sanctidade : — *Felix de Valois*, francez d'origem, e *João da Matta*, portuguez de naturalidade.

II. — Assim o faz acreditar — « em honra nossa » — *Antonio de Sousa de Macedo*, filho egregio do PORTO em 1606, NAS FLORES DE ESPAÑA Y EXCELLENCIAS DE PORTUGAL, no Cap. IX. Excel. 8.

E assim o tem para si tambem *Fr. Antonio Brândão* na MONARCHIA LUSITANA — no Tom. IV — NAS ADVERTENCIAS FINAES do LIVT. XV.

III. — Eis aqui o titulo da « obra » de *Fr. Christovão* :

« PANCARPIA : prosas historicas e titulares, e ver-
« sos diferentes, do Padre *Fr. Christovão Osorio*,
« Religioso da Ordem da Sanctissima Trindade : de
« varões collocados e illustres da mesma Ordem da
« Sanctissima Trindade da Redempção dos Captivos,
« com algumas excellencias d'ella ANTES.

IV. — Só nós em BRAGA possuímos esta « obra » em nossa livraria : — tendo-nos custado outr'ora 8:000 reis em LISBOA, onde na mesma occasião nos davam 12:000 reis por ella, no caso de convirmos em a alienar de nós.

Tambem a não possui a BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO — conforme *Ricardo Pinto de Mattos* deixa ver no MANUAL BIBLIOGRAPHICO, omitindo no « artigo » OSORIO (Fr. Christovão) — Pag. 434 — o ASTERISCO indicador DOS LIVROS DO ESTABELECIMENTO (Pag. xi).

V. — A circumstancia das NOTICIAS PRELIMINARES — consagradas na *Pancarpia* ás excellencias da ORDEM TRINITARIA — fazem d'esta « obra » uma *Chronica Monastica* : — e tem por isso « duplicadissimo valor », nas COLLECÇÕES BIBLIOGRAPHICAS dos amadores.

Vale como ESCRIPTO BIOGRAPHICO e como ESCRIPTO CONVENTUARIO : — e d'ahi a *diligencia* com que é procurada, e a *difficuldade* com que é conseguida.

VI. — Na *Bibliographia Historica Portugueza* — coordenada pelo illustradissimo *Conse-*

Uheiro Jorge Cesar de Figaniere — não foi olvidada a *Pancarpia* na Part. III, no Tit. 2.º, como logar por S. E. consagrado ás *Chronicas e Memorias das Ordens Religiosas, e Fundações de Conventos*.

Faz-se esta menção com o numero 1290 — onde a « ordem alphabetica » do AUCTOR lhe dá cabida.

VII. — Nesta *Pancarpia*, consagra-se um ENCOMIO em « cinco laudas » em PROSA — « desde folha 120 a folha 122 » — ao *Bemaventurado Martyr Portuguez FR. PEDRO DA COVILHAN, Confessor de VASCO DA GAMA*, na arrojada expedição do *descobrimento da India*: — expedição sahida de LISBOA n'um *sabado*, em que se contavam 8 de Julho de 1497; e não era senão composta de *quatro embarcações* ao todo.

Não há fóra d'estes dados — contra estas *iudicações* — exacção historica alguma.

VIII. — Eis-aqui os *nomes* dos *quatro vasos* d'esta *expedição*:

1.º A *Capitania S. GABRIEL*, em que ia o *capitão-mór VASCO DA GAMA* — levando por *PILOTO* a *Pero d'Alemquer*, que em 1497 tinha chegado até o *Rio do Infante* com *Bartholomeu Dias* — « O PRIMEIRO DOBRADOR DO CABO DAS TORMENTAS E DAS ESPERANÇAS »: — *cabo* que fornecêra a CAMÕES nos *Lusias*, « no Cant. V », o *episodio magestoso* do ADAMASTOR. — POR ESCRIVÃO, ia *Diogo Dias*, irmão do *Bartholomeu Dias* — que não fóra no entanto o dilecto de *D. João II*, para DOBRADOR DO CABO TORMENTORIO em 1486; mas o « ar-

gonauta aventureiro » JOÃO INFANTE, como deixa inferir *Gaspar Correa nas Lendas da India*.

2.º O S. RAPHAEL, em que ia por *capitão* PAULO DA GAMA, irmão do *capitão-mór* VASCO DA GAMA — levando por PILOTO a *João de Coimbra*; e por ESCRIVÃO, a *João de Sa*.

3.º O BERRIO, em que ia por *capitão* NICOLAU COELHO — levando por PILOTO a *Pero Escobar*; e por ESCRIVÃO, a *Alvaro de Braga*.

4.º A NAU DOS MANTIMENTOS, a que ia COMMANDANDO *Gonçalo Nunes*, familiar de VASCO DA GAMA.

IX. — Além d'estes *argonautas arrojados*, conservou-nos ainda a historia os *nomes* d'outros: — e *dois* d'elles mencionaremos aqui, aproveitando a « oportunidade », com que *ambos* nos affluem aos bicos da *penna*.

São *Alvaro Velho*, de que nos dão noticia *Barros* e *Castanheda*, com o alludido *Pedro da Covilhan* — cognominado *Covilhones* na *Pancarpiá* — para não fallarmos de *Faria e Sousa* ainda.

X. — Escusado será dizer-se, que nos referimõs ás *Decadas da Asia*, com o *João de Barros*; á *Historia do Descobrimento da India*, com o *Fernão Lopes de Castanheda*; e á *Asia Portuguesa*, com o *Manuel de Faria e Sousa*.

Não ha cultor de lettras nosso, nem estrangeiro ainda, que em sobra os não conheça.

XI. — Mencionamos de proposito a *Pedro da Covilhan*, no intuito de comprovar com isto, que não é só *Fr. Christovão Osorio*, o que unicamente se lembra d'elle.

Mencionamos egualmente o *Alvaro Velho*, por ser elle para o finado *Diogo Köpke* — nosso fallecido amigo portuense — o AUCTOR PLAUSIVEL do *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, proseguida arrojadamente em descobrimento da INDIA: — *Roteiro* de valia, annotado por esse eximio *lente* da academia polytechnica do *Porto*, que sem replica chegára a fixar — em 8 de Julho de 1497 — a DATA CONTROVERTIDA até então, em que para a INDIA partira de *Lisboa* o GAMA.

XII. — Mencionamos ainda o ALVARO VELHO — (diga-se de novo) — para notarmos aqui aos nossos leitores; que o SUPPOMOS, de dia em dia, *não ser o effetivo escriptor* do *Roteiro* do GAMA: — tendo para nós, *como de plausibilidade maior*, que per si o compozesse o ALVARO DE BRAGA, *escrivão da « caravella » Berrio*.

Nem deixaremos perder a occasião, para não consignar aqui, o ser *Berrio* um APPELLIDO de « familia nobre », enlaçado com o « nobre » d'*Alpuim* tambem, no *casamento* de *João Gonçalves d'Alpuim* — filho de *Lopo d'Alpuim*, que era filho de *Alvaro d'Alpuim*, senhor da *Gollegan* e *Azinhaga* em tempo do rei *D. João I* — em que o servira galhardo na guerra — sendo o edificador da capella do SALVADOR na Sé de Lisboa, onde na morte fôra sepultado.

XIII. — Aventamos aqui em *Braga* na *Borboleta* a NOSSA CRENÇA, em relação a ALVARO DE BRAGA

como AUCTOR do *Roteiro do Gama* — ao escrevermos n'este *semanario* alguns *artigos* — «Vol. 2.º N.º 21, e Vol. 3.º N.ºs 1 e 7» — ácerca das *Cartas Bibliographicas* do nosso amigo da LOUSAN, o illustrado amator de livros *Annibal Fernandes Thomaz*, comecadas a publicar então em 1876.

No « Vol. 2.º » d'estas *Cartas*, adduzem-se no fim — *em appendice* — os alludidos *artigos* nossos.

XIV. — Bastariam para a nossa *plausibilidade* — em mingna d'outros DADOS ainda — estes « dois capitaes » apenas :

1.º O ser o *auctor* do ROTEIRO « uma pessoa de importancia », escolhida como tal em mais d'um lance d'ocasião — « chegando até a fazer parte do *cortejo* de VASCO DA GAMA, na audiencia apparatusa do *Cammarim* em *Calcut* : — e o ser mais apto para casos d'estes *um escrivão dos vasos*, « amestrado em ouvir e escrever », do que um *mero marinheiro* d'elles — como era o *Alvaro Vetho* :

2.º O findar *exactamente* o ROTEIRO em 25 d'Abril de 1499, depois de cujo dia se apartára de *Vasco da Gama* a caravella de *Nicolau Coetho* — dirigindo-se DIRECTAMENTE a *Lisboa*, onde entrará em 10 de Julho, « no intuito plausivel de ganhar as *abçaras* do « descobrimento effectuado » : — e o cessar por isso, para *Alvaro de Braga*, o motivo da *continuação* do ROTEIRO, como *ESCRIVÃO* do BERRIO. — O que não tinha logar algum, *em relação aos escrivões dos outros vasos*, COMO EM VIAGEM DE REGRESSO

AINDA, até os futuros fins do *Agosto*, ou principios do *Septembro*, em que só entrára em *Lisboa* o *Vasco da Gama* — conforme o consenso geral.

XV. — Deixando *registrada* aqui esta PLAUSIBILIDADE NOSSA — impellida dos bicos da penna ao papel em aproveitamento d'opportuniidade — notaremos haver na *Pancarpia* tambem, depois d'um ENCOMIO em «prosa» a *Fr. Pedro da Covilhan*, ainda um ENCOMIO em «verso» — consagrado ao mesmo *martyr* egualmente — e ao mesmo *auctor* da *Pancarpia* devido.

Começa no «verso» da «folha» 122, e finda no «verso» da «folha» 124 — «occupando outras cinco laudas tambem».

XVI. — Na *Bibliographia Camoniana* do *Dr. Theophilo Braga* — luxuosamente editada pelo *Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro* — não se olvidou a menção d'este ENCOMIO em «verso», lembrando-se na pag. 132.

Menciona-se ahi com «estas palavras» — em que é mister emendar-se o OITO em DEZ :

«Traz (*Pancarpia*) uns versos a *Fr. Pedro da Covilhan*, capellão-mór da armada de *Vasco da Gama*, em OITO OITAVAS, em que imita, parodia, e centonisa CAMÕES nos *Lusíadas*.

XVII. — São de remotissima data as centonisações dos poetas, historiadas «minuciosamente» em *Octavio Delepierre* — com o veo anonymo de UM BIBLIOPHILO BELGA — na *Revue Analytique*

des Ouvrages écrits en Centons — depuis les temps anciens jusqu' au XIX siècle.

Editou-a nitidamente — em LONDRES — a «livraria» *Trübner & Companhia*, em 112 exemplares apenas — formando cada um d'elles um grosso volume em 4.º, repleto d'especimens valiosos.

XVIII. — Em «resumo» somente, acha-se uma *noticia essencial* dos CENTÕES — «com especimens selectos» — nos *Amusements Philologiques* de *Gabriel Peignot*, editorados com o seu PSEUDONYMO de PHILOMNESTE.

Consagra-se-lhes ahi um *artigo* especial — «ataviado da erudição característica do illustrado auctor».

XIX. — Se houveramos de lembrar DICIONARIOS aqui, em relação a CENTÕES; a *dois* nos limitáramos apenas:

Dos «extrangeiros» — ao *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle*, coordenado por *Larousse*, e começado a editar em 1866.

Dos «nacionaes» — ao *Vocabulario Portuguez e Latino* de *D. Raphael Bluteau*, «ornamento da *Ordem Theatina* entre nós», e de que viera á luz o *Vol. I* em 1712.

XX.—O que não deixaremos *sem correccção*, «visto lembrarmos-nos aqui de *Larousse*»; é o dizer-nos elle, que o *mais antigo* CENTÃO — conservado até nós — é a MEDEA do *Hosiodo Geta*.

! Como se esta *tragedia* — « em lingua latina »
— fosse o *mais antigo centão* conhecido!

XXI. — Se o *indefesso vocabulista* — « no meio das lides quotidianas » — profundasse devidamente o ASSUMPTO; remontaria convicto — firme e inabalavel — alem dos 200 annos posteriores á *era vulgar*, assignados como epocha ao *Hosiodo Geta*.

Iria deparar « muitos annos antes » com CENTÕES — descobrindo-os na *Biblia* em *specimen curioso*:—sem nos esquecermos todavia dos *cantos* dos *rhapsodos* da *Grecia*, « verdadeiros CENTÕES de versos homerianos ».

XXII. — Como aqui nos afflue aos bicos da penna *este specimen*; indicado aqui o deixaremos, em mimo aos curiosos n'estas especies.

É elle o *Hymno de Jonas—no ventre do animal do mar em tres dias* — como na alludida *Revue Analytique* faz vêr o BIBLIOPHILO DELEPIERRE; e como pôde vêr-se ainda nos *Études Encyclopédiques* de João Reynaud — Tom. I. Pag. 252 — na edição de 1866.

XXIII. — A este respeito, são *tam especiosas* n'essa *Revue* umas *duas indicações* — que não nos atreveríamos a omittil-as aqui.

Eis a « primeira » d'ellas :

« La ville phénicienne de *Joppé*, près de laquelle apparait le *monstre marin* de *Jonas*, est justement celle qui, au dire de *Pline* et de *Strabon*, avait donné

naissance à un autre *monstre* non moins célèbre = celui d'ANDROMÈDE que tua PERSÉE ».

« Cette coïncidence a frappé *Saint Jérôme* ! »

XXIV. — Eis-aqui a *segunda* das indicações :

« Un autre *mythe* au moins aussi ancien—puisqu' on en trouve des traces dans Homère — est celui de la *fille* de LAOMÉDON, exposée également au milieu des flots, et délivrée par HÉRACLE d'un monstre marin ».

« HÉRACLE se jette *dans la gueule* de la bête ; passe comme JONAS *trois jours dans son ventre* ; puis en sort *victorieux* à l'aide de son épée ».

XXV. — Eis-aqui emfim o *fecho* d'esta exposição :

« Un *trait* aussi bizarre que l'emprisonnement d'un HÉROS *dans LE VENTRE* d'un poisson — une fois inventé — n'est pas facilement abandonné par l'imagination populaire ».

« Aussi les HÉBREUX l'appliquèrent-ils à la LÉGENDE de *Jonas* ».

XXVI. — Alargamos atéqui um pouco as *velas*, entranhando-nos em *accessorios* ao NOSSO ALVO—para não perdermos a oportunidade de os offertar, *n'esta occasião*, aos não dados a estas miudezas curiosas.

Vamos no entanto contrahir-nos agora — expondo aos amadores do nosso *alvo*, o que são OS CENTÕES dos *poetas*—e do que são *analogos* em assumpto OS CENTÕES dos MUSICOS, « *pasticci* em termos *proprios* ».

XXVII. — Podendo servir-nos do *Bluteau* no *Vocabulario* — preferimos aqui o *Diccionario Portuguez* de Antonio d. Moraes, como de manuseamento mais vulgar entre nós.

Nem é mister mais para o caso, que saber-se com elle—serem CENTÕES « *os versos d'algum auctor escolhidos, com que se urde uma peça poetica* » ; á *similhança da ECLOGA de FARIA e SOUSA, em que elle descreve a vida do CAMÕES, com versos das OBRAS do mesmo epopaeico — LUSIADAS e RHYTHMAS.*

XXVIII. — Eis-aqui para *especimen*—« com omisão dos logares dos versos » — a *estrophe primeira* d'essa ECLOGA, a que dá o *centonizador* o « título » de CINTRA, e em que são « interlocutores » FABIA e ALMENO :

ALMENO

- « Á sombra d'este umbroso, e verde louro,
- « Revolvendo memorias maguadas,
- « Na *Fonte de Agnippe* distillando
 - « De lagrymas um vaso ;
 - « Com verdadeiras lagrymas,
- « Se a dôr me não congela a voz no peito,
- « Se a tanto me ajudar o engenho e arte,
- « Cantarei o que n'alma tenho escripto
- « D'aquelle gran PASTOR, que em nossos dias
 - « Defende o SER DIVINO,
- « Ornou d'altas sciencias o DESTINO.

XXIX. — Eis-aqui outro *specimen* ainda — « com indicação dos logares dos versos » — n'um *Soneto* d'allusão historica, só á custa dos *Lusiadas* contextualuado — « sem promiscuidade das RHYTHMAS, como na *Ecloga* alludida » :

- Faz contra *Lusitania* vir *Gastella* (C. 4. E. 6)
 - O filho de *Filippe*, n'esta parte ; (C. 4. E. 75)
 - Fervendo-lhe no peito o duro *Marte* (C. 3. E. 30)
 - Das soberbas e varias gentes d'ella. (C. 4. E. 57)
-
- Quando dá a grande e subita procella, (C. 6. E. 74)
 - Um *portuguez* mandado logo parte : (C. 7. E. 23)
 - Treme a bandeira, voa o estandarte, (C. 2. E. 73)
 - Com manha, esforço, e com benigna estrella. (C. 8. E. 25)
-
- Eis se ajuncta o *soberbo castelhana* ; (C. 3. E. 34)
 - Porque levasse ávantê o seu desejo, (C. 3. E. 75)
 - Tomando aquelle premio e doce gloria. (C. 9. E. 39)
-
- Mas nas mãos vai cair do *lusitano* (C. 2. E. 69)
 - SANCHO, d'esforço o d'animo sobejo, (C. 3. E. 75)
 - Que causa inda será de larga historia. (C. 4. E. 74)

XXX. — Consagra-se a uma nossa *victoria* assignalada este SONETO — nas *Poesias* de *André*

Nunes da Silva — donde o vulgarisamos no anno de 1880, no *tricentenario Camoniano*, com outro SONETO CENTONICO do *Fr. Manuel do Sepulchro*, impresso ANONYMO nos *Applausos Academicos da Universidade de Coimbra ao Rei D. João IV.*

Alludimos á *victoria* do AMEIXIAL no *Alemtejo* — em 8 de Junho de 1633 — ganha por *D. Sancho Manuel*, « primeiro conde de *Villa-Flor* », ao infante *D. João d'Austria*, « filho do rei da HISPANHA *D. Filipe IV* » — entre nós o 3.º em nome — « na guerra da nossa restauração ».

XXXI. — Eis-aqui outro *specimen* emfim — « n'um SONETO em *hispanhol* do mesmo *André Nunes da Silva*, CENTONISADO COM VERSOS do nosso *Miguel da Silveira* de CELORICO DA BEIRA, no seu « poema heroico » *El Macabeo* — « consagrado á restauração de JERUSALEM » :

«Llevaste, escura muerte, el claro dia }
 «De las rosadas puertas del *Aurora* : } C. 15. E. 64.
 «Menos lumbre del *Sol* en si atesora (C. 15. E. 72.
 «Su bello rostro, que *Cupidés* cria. (C. 14. E. 106.

«Las almas en ausencia de *Maria* }
 «Son lagrimas, que amor desata y llora : } C. 15. E. 64.
 «Siempre obtuvo la palma triunfadora ; (C. 18. E. 67.
 «Ya representa la tiniebla fria. (C. 18. E. 4.

«O alma! em este trono te sublima
 «Que en los *Campos Eliseos* adquiriste, } C. 5. E. 67.
 «Como en tanto rigor el *Hado* ordena. (C. 10. E. 49.

«Saudades el *Amor* con fuego imprima
 «Dentro del coração del mundo triste : } C. 15. E. 67.
 «Verás el simulacro de mi pena. (C. 6. E. 30.

XXXII. — Consagra-se este SONETO á morte d'uma dama, de que era *Miria* o nome, « sem que o POETA a individue mais » : — e CENTONISA-SE COM *versos iniciais* AOS PARES NOS *quartetos* e NOS *tercetos*, ao contrario da CENTONISAÇÃO USUAL *verso a verso*, como no anterior SONETO em portuguez — o « unico » em BLUTEAU copiado no *Vocabulario*, no « artigo » CENTÕES, como *exemplo* na *especie*.

A esta *centonisação parçada*, não a quer em uso o « poeta romão » AUSONIO — o *legislador patriarcha do assumpto* — embora ampliado ao depois por outros *legisladores poeticos* ainda.

XXXIII. — Eis-aqui algumas *leis centonicas* do alludido *legislador patriarcha*, na EPISTOLA AO AMIGO PAULO, antes do IDYLLIO XIII :

« Variis de locis, sensibusque diversis, quaedam carminis structura solidatur: in unum versum ut cœant aut cœsi duo, aut unus et sequens cum medio; *nam duos junctim locare ineptum est*; et tres *una serie*, meræ nugæ.....

Sed peritorum concinnatio miraculum est.....
sensus diversi ut congruant; adoptiva quae sunt, ut
cognata videantur; aliena ne interluceant; accersita
ne vim redarguant; densa ne supra modum protu-
berent; hiulca ne pateant ».

XXXIV.—Como *especimen singular* d'estas REGRAS
CENTONICAS, no mesmo AUSONIO ha o CENTO NUPTIALIS
— *poema* libidinoso — contextuado de versos do CAN-
TOR da ENEIDA, «exalçador de MANTUA».

Não o compoz no entanto, *senão por assim ll'õ or-
denar o seu imperador VALENTINIANO*: — e d'esta *com-
posição forçada*, signaes de penalisação dera depbis —
como é fama — este «filho egregio» de *Bordeus* na
França, e em ROMA «preceptor» dos «imperadores»
Graciano e *Valentiniano II*, «filhos» do «imperador»
Valentiniano I, fallecido em 375 da *era vulgar*.

XXXV. — Em contraposição ao CENTO NUPTIALIS
do *Ausonio* — «libidinizando castos versos encidianos»
— urdiu a «poetisa romana» *Proba Falconia*, «em ca-
racter christianissimo», outro bello CENTÃO LATINO,
com versos do mesmo *poeta mantuano*.

Tem por titulo = *Probae Falconiae Vatis Glarissimae, à Divo Hieronymo comprobatae*, CENTONES, de
*Fidei nostrae Mysteryis: e MARONIS Carminibus ex-
cerptum* OPUSCULUM.

XXXVI — Cumpre lembrar no entanto, que não
passa hoje entre os *bibliographos* — COMO SENDO A CEN-
TONISADORA — esta *Proba Falconia* de *S. Jeronymo* nas
EPISTOLAS, e do *Cardial Baronio* nos ANNAES: — ACOS-
tando-se a elles o INDEX AUCTORUM BIBLIOTHECAE PA-

TRUM DO TOM. I, e com elle nos AMUSEMENTS PHILOLOGIQUES o erudito *Gabriel Peignot* — PSEUDONYMOSADO em *Philomneste*.

XXXVII. — Conhecem-se hoje «biographicamente» duas *Falconias* distinctas : — *Anicia Falconia Proba*, e *Valeria Falconia Proba*.

A *Anicia* — era mulher de *Sexto Petronio Probo*, e mãe dos « consules » *Olybrio*, *Probinio*, e *Probo* : — e era da « intimidade ascetica » de *S. Jeronymo* e *Sancto Agostinho*.

A *Valeria* — era mulher do «proconsul» *Adelphio*, varão cultivado em lettras : — e foi ella a CENTONISADORA afamada do *Velho Testamento* n'uns 300 VERSOS, e do *Novo* n'uns 330 — « embora *Schoell* na *Histoire de la Littérature Latine*, T. III. Pag. 80, lhe supponha a só existencia de FRAGMENTOS » — com *mimosos carmes* do *Cantor da Eneida*.

XXXVIII. — Assim nos comprova esta *paternidade* o *Padre Thomaz de Simeões*, «Provincial» da «Ordem Augustiniana» em *Romania* na *Italia*, n'um escripto rarissimo de 1692 : — comprovando ao mesmo passo, que é *Faltonia* que devemos escrever, e não *Falconia* como é d'uso geral.

Tem por titulo = *Historica Dissertatio de tollenda penes gravissimos scriptores insolitâ ambiguitate et confusione inter duas antiquas Romanas Matronas, professione Christiana celebres, videlicet Aniciam Faltoniam Probam, et Valeriam Faltoniam Probam*.

XXXIX. — Exigia-nos estas «illucidações» o nosso

escôpo, consagrado a pôr em relêvo as DEZ OITAVAS de *Fr. Christovão Osorio* na *Pancarpia*, como CENTONISADOR de «quillates especiaes» entre os demais *vates congeneres*.

Nem deixarão de agradecer-nos a lembrança, os que não são dados a estes *esmerilhamentos criticos*, e não poucas vezes se affastam por isso do *sol di veridade*, na persuasão de se aproximarem d'elle:—realizando assim o NIGRA IN CANDIDA VERTUNT, em phrasas de *Juvenal* na *Satyra* III. v. 30 — sem até se oximir d'isso um *Padre José Vicente Gomes de Moura* entre nós, nos *Monumentos da Lingua Latina* — Pagg. 166 e 167. §. 227, com Pag. 138. §. 220.

XL. — À transcripção aqui das CENTONISAÇÕES do *Padre André Nunes da Silva* — embora de nós vulgarisada já no TRICENTENARIO CAMONIANO A PORTUGUEZA — impulsou-nos em amor patrio a *Revue Analytique des Centons*, com estas palavras «singulares» n'um *indagador indefesso*, como é o BIBLIOPHILO BELGA (*Octavio Delepierre*):

« A l'exception de l'italien, dont les formes ont tant de rapports avec le latin — et d'un seul exemple en anglais — je n'ai pu trouver de POÉSIE-CENTON, ni en français, ni en allemand, ni en espagnol ».

XLI. — Era-nos mister *contrariar* aqui o illustrado BIBLIOPHILO BELGA, apresentando para isso EXEMPLOS de *centões*, tanto em *hispanhol* como em *portuguez*: — não deixando de notar por esta occasião, que de baixo do nome *generico* ESPAGNOL — em «sentido lato»

*

— é com frequencia comprehendido lá fora o *portuguez* tambem, como em *Dele pierre* é palpavel no *excerpto* alludido.

Às vezes — até nos appellidam *portuguezes* da *Hispanha* os estrangeiros, ao occuparem-se em assumptos nossos !

XLII. — Se não receáramos exceder os limites de um PREAMBULO; poderíamos amontoar aqui *exemplos domesticos* de CENTÕES, com alguns INEDITOS ainda.

Fal-o-hemos entretanto um dia talvez — « com os subsidios que temos para isso » — no caso da *vidi* e a *saude* nos permittirem *assiduidade* no trabalho.

XLIII. — Ao que não podêmos resistir agora, é a lembrar aqui *dois* CENTÕES *patrios*, de que aos *amadores* da ESPECIE não é justo o olvido.

É em *lingua portugueza* o *primeiro* d'elles, e em *lingua latina* o *outro* — mas de *escriptores patrios* os *dois ambos*.

XLIV. — À *sepultura* de LUIZ DE CAMÕES — com *versos* das RHYTHMAS extraidos — endereçara *João Gomes do Pego*, n'um SONETO, o alludido *specimen* primeiro : — SONETO, que-espalhamos aqui em *Braga avulso*, no *tricentenario camoniano* em 1880 — « e anda transcripta nos *Lusiadas* em mais d'uma *edição* » — dando-lhe comêço o *quarteto* seguinte :

«Debaixo d'esta pedra está mettido (Son. 63)

«Um varão sapiente, em quem *Thalia*, (Terc. a D. Leonis).

«Nos versos saudosos que escrevia, (Eleg. 3)
«Alegra o mundo todo entristecido. (Ecl. 5.)

XLV. — Em *Eloi de Sá Sotomaior* — auctor do *Jardim do Ceo* e das *Ribeiras do Mondego* — acharemos n'uma ELEGIA, centonizada em versos de mais d'um latinista, o supra-alludido *especimen* segundo.

É folhearem-se as *Decisiones Senatûs Regni Lusitaniae* — em 1619 sahidas da penna do nosso *Belchior Febos*, e em 1713 illustradas ANONYMAMENTE pelo *Dr. José dos Sanctos Palma*: — e é folhearem-se «nos principios» do Tom. 1.

XLVI. — Em relação ás *Parodias* — «assumpto segundo nosso» — não alargaremos COM ELLAS tanto os vôos, quanto com os CENTÕES atégora.

É mais conhecido em si o *assumpto* — «ainda nos menos dados a estudos litterarios»: — e exigemos por isso «ensanchas menores» aqui.

XLVII. — Não se esqueça no entanto, que não é senão ás *obras dos genios* — que dão os seculos, as *honras da PARODIA*.

Sirva d'exemplo a *Iliada* — *epopea* immortalisadora do *Homero* — *parodiada* no «poema-heroe-comico» a *Batrachomyomachia*, correspondente em «vernaculo nosso» a RANA-RATO-GUERRA.

XLVIII. — Ahi chistea o *parodiador* — «em

«*combate de rans e ratos outr'ora*» — a *lucta encarnicada* dos GREGOS e TROIANOS, oriunda do rapto da formosa *Helena* — consorte do rei de *Sparta* MENELAU — pelo filho *Paris* de *Priamo*, «o ultimo rei de *Troia*».

E tam *chistosz* achava *Marcial* em *Roma* esta *parodia*, que no Livr. XIV — Epigramma CIII — incitava os *amadores* a lê-la, endereçando-se-lhes n'este verso exorativo :

«*Perlege, Maconio cantatas carmine ranas*»

XLIX. — Possui em verso a «*nossa lingua*» a *Batrachomyomachia* — transfundida do «*original grego*» — com antecedencia d'um PREAMBULO de «*curiosas noticias*».

E N'ELLE se lembra o «*traductor*» — *Antonio Maria do Couto* — dos principaes «*poemas-heroe-comicos*» conhecidos, em *correlação litteraria* com o *texto* vertido.

L. — Parodiou-se tambem o *mantuano cantor* da ENEIDA : — mudando-se de METRICOS, em *syllabicos picarescos*, os dulcissimos *versos maronianos*.

Foi *parodiador* o faceto *Scarron*, «*primeiro marido da Marquesa de Maintenon*» : — titular famigerada entre as *damas francezas* da epocha, e não menos que o *marido* entre as *celebridades* d'então.

LI. — *Parodiada* a ILIADA dos gregos, e a ENEIDA dos romanos ; mal podiam eximir-se de *fado egual*, «nas *letras portuguezas*», os *Lusidas* do *Camões* — «*epopea equipollente a ambas*».

E assim viera a acontecer em 1589 — « passados apenas 17 annos depois da publicação inicial do POEMA, na officina de *Antonio Gonçalves* — em 1572.

LII. — N'esse anno de 1589, quatro foram os PARODIADORES dos *Lusidas* em EVORA — « escholares » alli então na *universidade*, a que em 1558 — em 20 de Setembro — dera inicio o « cardinal-rei » *D. Henrique*, exornado antes com a *mitra bracarense*, por fallecimento de *D. Diogo de Sousa* em 1532:

O *Dr. Manuel do Valle de Moura*, deputado da *inquisição* em 1603, e auctor da « obra » *De Enchantmentibus et Ensalmis* em 1620 — cognominada ERUDITA por *D. Francisco Manuel de Mello*, na CART. I da CENTURIA IV:

O *Padre Bartholomeu Varella*, « poeta famigerado » no seu tempo — embora sem *inscripção* em *Diogo Barbosa Machado*, na *Bibliotheca Lusitana*:

Luiz Mendes de Vasconcellos, « familiar » do « arcebispo eborense » *D. Theotónio de Bragança* — que tivera a *mitra* desde 1578 a 1602 — e fôra em antes *abade* nas *Caldas de Visella*, « na parochia de *S. João das Caldas* » — cognominada então *S. João Baptista de Gominhães*, e conjuncta á « nossa natalicia » de *S. Miguel das Caldas*. — E isto o distingue do « escriptor homonymo » *Luiz Mendes de Vasconcellos*, capitão-mór das armadas do *Oriente*, e auctor afamado da *Arte Militar* e *Do Sitio de Lisboa*:

O *Liconciado Manuel Luiz*, «prior» da egreja de *Ferena* — extincta villa do *Alemtejo* a umas 7 leguas de *Evora* — o *promotor essencial* da PARODIA, e o *principal feitor* de «quasi toda».

LIII. — Eram então *escholares theologos* OS QUATRO PARODIADORES:—e para sentir é, que só dos *Lusias* nas *parodiassem* o *Cant. I*— convertendo-o do HUMANO NO DE-VINHO.

Se elles na tarefa não parassem, teriamos hoje uma *obra* de primor na *especie* — com os *dez cantos inteiros* do *poema*.

LIV. — Eis-aqui, «como especimens», as ESTROPHES I e III d'esta *parodia* — impressa pela *primeira vez* no *Porto* em 1845, e *nada vulgar* na actualidade já, nem ainda *quasi* na *reimpressão* de *Lisboa* no anno de 1880, no *tricentenario çapioniano*:

«Borraças, borrachões assignalados,
 «Que de *Alcochete* juncto a *Villa-frança*,
 «Por mares nunca d'antes navegados
 «Passaram inda alem de *Peramanca* :
 «Em *pagodes* e *ceas* esforçados,
 «Mais do que se permite a gente branca,
 «Em *EVORA* cidade se alojaram,
 «Onde *pipas* e *quartas* despejaram.

«Cessem do *Novellão*, do gran *Barbança*,
 «As grandes bebedices que fizeram :
 «Calle-se do *Rangel*, e do *Carrança*,
 «A multidão dos vinhos que beberam :
 «Que eu canto d'outra gente e d'outra lanço,
 «A quem *frascos* de vinho obedeceram :
 «Cesse tudo o que a musa antiga canta,
 «Que outro beber mais alto se alevanta.

LV. — Em 1877, appareceu em PARODIA ainda o mesmo *Canto* do CAMÕES, nas *Poesias Posthumas* de *Faustino de Novaes* — editadas no *Porto* por *Ernesto Chardron*, o mais arrojado «editor de livros» em *Portugal*.

Eis-aqui, «como especimens egualmente», as mesmas ESTROPHES I e III d'esta *parodia* :

«Valem pouco os *barões assignalados*,
 «Que — despidos na *praia lusitana* —
 «Por *mares nunca d'antes navegados*
 «A nado foram ver a *Taprobana* :
 «Outros heroes eu canto, que—*esforçados*—
 «Foram pescar mais longe carne *humana*,
 «E palacios depois *edificaram*,
 «E seus nomes—*chrysmados*—*sublimaram*.

« Ama o DINHEIRO o grego e o troiano,
 « E FALSO ninguém diz, se algum fizeram ;
 « Nem juro de *Alexandre e de Trajano*,
 « Que soubessem ganhar o que tiveram :
 « Turco, moiro, francez, ou lusitano,
 « Todos á sua voz obedeceram ;
 « E com rasão :—sabemos como canta,
 « E como—tendo-o a gente—se levanta.

LVI. — Antes d'esta PARODIA do *Faustino de Novaes* — adstricta como a de *Evora* a « 106 oitavas » apenas — OUTRA começára a apparecêr em *Lisboa*, em 1865, n'um volume em 8.º grande — com ametade do POEMA do CAMÕES.

Tem por titulo *Os Lusíadas do Seculo XIX* : — e no mesmo anno de 1877, ao apparecêr no *Porto* a PARODIA do *Novaes*, apparecia tambem no *Rio de Janeiro* — solo destinado pela Providencia para *campa* do « bardo portuense » — CATALOGADA a PARODIA de *Lisboa* nos ANNAES DA BIBLIOTHECA FLUMINENSE — no Vol. III. Fasc. I, Num. 202, Pagg. 33 e 34.

LVII. — Eis-aqui ainda as ESTROPHES I e III do *Cant. I*—« como especimens » tambem d'esta PARODIA, de que fôra auctor *Francisco Augusto d'Almeida*, oriundo de *Santarem* — onde nascêra em 1838 :

«Os asnos, *figurões assignalados*,
 «Que da classe dos *getas e bananas*,
 «Por motivos já bem justificados,
 «Passaram inda alem dos fofos *Tanas* :
 «Em certo dia muito apouquentados,
 «Mais do que julgam almas sempre humanas,
 «Entre *Vianna e Vallada* edificaram
 «*Novo reino*, que tanto sublimaram.

«Cessem do *Fontes e Cabral*, tyrannos,
 «As *empalmações* grandes que fizeram :
 «Calle-se do *Eugenio*, e do *Avila* o,
 «A fama dos *int'resses* que tiveram :
 «Que eu canto o peito illustre d'um *magano*,
 «A quem *bambos heroes* obedeceram :
 «Cesse tudo o que a musa antiga canta,
 «Que outro valor mais alto se alevanta,

LVIII. — Com os «especimens» de CENTÕES e PARODIAS—«seleccionados aqui de nós»—facil é o aquilatar-se á risca — em accôrdo com OS VOCABULARISTAS — a *etymologia* d'ambas as *palavras*.

Fal-o-hemos em relação aos CENTÕES «primeiro» ; e em relação ás PARODIAS «depois».

LIX. — Á *etymologia* dos CENTÕES, em sobra a illucida o famigerado ERASMO — na OBRA não menos famigerada ADAGIORUM CHILIADES QUATUOR.

Copiaremos as proprias palavras d'este «hollandez egregio» de *Rotterdam* — de quem assim escreve *Thomaz Martimer*, no *STUDENT'S POCKET DICTIONARY* :

«He is the most correct and elegant Latin writher amongst the moderns».

LX. — Eis-aqui a *copia* alludida :

«CENTONES dicuntur *vestes a variis panniculis, ac diversis etiam interdum coloribus consarcinatae*».

«Ad harum similitudinem CENTONEM vocant *carminis genus, ex diversis carminibus, et carminum fragmentis, hinc atque illinc accersitis contextum*».

«*Graeci χίτωνα*s appellant, *additá litterá quam abjiciunt Latini*».

LXI. — NOS AMUSEMENTS PHILOLOGIQUES de *Gabriel Peignot*—PSEUDONYMOSADO em *Philomneste*—eis-aqui tambem as «proprias palavras», em accôrdo a este respeito :

«*Les soldats romains* se servaient de CENTONS, ou *vieilles étoffes* ramassées, pour s'en faire des PLASTRONS, qui les garantissaient des traits des ennemis».

LXII. — Em relação á *etymologia* da «palavra» PARODIA, lucidamente a individua o mesmo *Gabriel Peignot*, nos mesmos AMUSEMENTS PHILOLOGIQUES.

Eis-aqui as proprias palavras suas :

«Le mot PARODIE qui vient du grec *παρωδία* (*canticum*) — racine, *παρά* (*juxta*) et *ὄδῆ* (*cantus*,

carmen) — signifie à la lettre *un chant composé à l'imitation d'un autre* : — et par extension, on donne le nom de PARODIE à *un ouvrage en vers, dans lequel on détourne — DANS UN SENS RAILLEUR — des vers qu'un autre a faits dans une vue différente*.

LXIII. — Apesar da «individuação» do *exposto*, addir-lhe-hemos ainda as «linhas seguintes» — como «coroa complementar» — nos mesmos AMUSEMENTS hauridas :

«On a la *liberté* d'ajouter ou de *retrancher* ce qui est *nécessaire* au *d e s s e i n* qu'on se propose : — mais on doit conserver *autant de mots* qu'il est *nécessaire* pour rappeler le souvenir de l'*original* dont on emprunte les *paroles*».

«L'idée de cet *original*, et l'application qu' on en fait à *un sujet d'un ordre moins sérieux*, forment dans l'imagination un *contraste* qui la surprend : — et c'est en cela que consiste la PLAISANTERIE de la PARODIE».

LXIV. — Em relação ás IMITAÇÕES em POESIA, não passam ellas em regra — «no meio dos seus atavios» — de VERSÕES LIBERRIMAS no assumpto.

E até OS IMITADORES por isso — «com não pouca frequencia» — dão ás IMITAÇÕES o nome de VERSÕES, addindo-lhes *algumas vezes* o «epitheto» de PARAPHRASTICAS — para os «pouco lidos» as não tomarem por METAPHRASTICAS.

LXV. — «Vulgarissimas» são em todas as linguas AS IMITAÇÕES POETICAS : — e nós á larga as podemos

enumerar, em «quasi cada um» dos esplendidos POETAS NOSSOS.

Limitar-nos-hemos no entanto — em adstricção aos «limites naturaes» d'um PREAMBULO — a pouquissimas *indicações* NA ESPECIE, n'este NOSSO *escôpo* final.

LXVI. — NOS LUSIADAS de CAMÕES, achamos no *Cant. IV, Est. LXV*, estes *versos* 1 e 3 :

«Viram gentes incognitas e extranhas,
«Vendo varios costumes, varias manhas.

No *Cant. VI, Est. LIV*, achamos este *verso* 4 :

«Varias gentes e leis, e varias manhas»

No *Cant. X, Est. LXVIII*, achamos este *verso* 3 :

«Varios de gestos, varios de costumes»

No mesmo *Cant. X, Est. XCI*, achamos estes *versos* 7 e 8 :

«Varias nações, que mandam varios reis,
«Varios costumes seus, e varias leis.

LXVII. — N'estes *versos alludidos*, ninguem verá mais que uma IMITAÇÃO POETICA — «uma versão liber-rima» — do *Cantor* da ENEIDA no LIVR. VIII, nos *versos* 722 e 723 :

..... «incedunt victae longo ordine gentes,
«Quam variae linguis, habitu tam vestis et armis»

Vêl-a-hemos em *Petrarcha* ainda, na *Canção XXXV*:

«Chi mi fecer cangiar vita e costumi»

— e na *Canção XLVIII*:

«Dure genti e costumi»

— e no TRIUMPHO D'AMOR, Cap. II:

«Varii di linguï, varii di costumi»

LXVIII. — Podêmos achar no entanto — «n'outros poetas ainda» — esta IMITACÃO mesmissima, «variada em *contextura* somente:

Vêl-a-hemos em *Bernardo Tasso* — («Tasso Pae») — no FLOSDANTE, Cap. VIII:

«E varie terre vide, e varie genti»

Vêl-a-hemos em *Torquato Tasso* — («Tasso Filho») — na JERUSALEM, Cant. XV:

«Diversi han riti, ed habitï, e favelle»

Vêl-a-hemos em *João Pila'deo*, na Epist. II:

«Veder varii costumi, e varie genti»

Vêl-a-hemos em *João Baptista Guarini*, no *Pastor Fido*, Act. V. Scen. I:

«Stato, vita; pensier; costumi»

Vêl-a-hemos em *D. Alonso de Ercilla*, na ARAUCANA, Cant. XXVII :

«En leys y en costumbres diferentes»

Vêl-a-hemos em fim em *Francisco de Sá de Miranda*, na Eclog. V. Est. III :

«Vi terras, vi costumbres diferentes»

LXIX. — Nem sempre ainda assim — NAS IMITAÇÕES POÉTICAS — ha *contextuação* de *equal por equal*, á similitude dos *specimens* individuados.

Ou ha «quasi sempre» IMITAÇÕES COM AMPLIAÇÃO — ou «quasi sempre» IMITAÇÕES COM ENCURTAÇÃO.

LXX. — Em CAMÕES, ha IMITAÇÃO COM AMPLIAÇÃO na ODE IX — em que nos descreve desde a *primavera* a successão das *estações* do anno — comparando-lhes com as alternativas as da *vida humana* :

«Fogem as neves frias
 «Dos altos montes, quando reverdecem
 «As arvores sombrias :
 «As verdeservas crescem,
 «E o prado ameno de mil cores tecem.

.....

- «Nem *Thescu* esforçado,
 «Ou com manha ou com força valorosa,
 «Livrar pôde o ousado
 «*Perithoo* da espantosa
 «Prisão lethea, escura e tenebrosa.

LXXI. — NOS COMMENTARIOS DE *Manuel de Faria e Sousa* ás RHYTHMAS DE CAMÕES — TOM. III. Pag. 174 — diz d'esta ODE o nosso *compatricio pombeirense* da *Ribeira do Visella*:

«Toda la ODA es la VII del Lib. IV de ORACIO; pero — *si no me engañó* — queda mi POETA muy ventajoso ».

«Esta tiene 13 estancias y la de ORACIO 14, cada una de *dós versos* — el *primero* largo, y el *segundo* corto ».

«Lo que de ORACIO toca a esta *estancia* (1) es esto »:

- «Diffugere nives; redeunt jam gramina campis,
 «Arboribusque comae;
 («Mutat terra vices, et decrescentia ripas
 «Flumina praetereunt)

«Y tambien embolvió aqui el POETA lo mejor de la ODA IV del LIBRO I del proprio (ORACIO) — que entra d'este modo »:

«Solvitur aeris hyems grata vice veris et Favoni
 («Trahuntque siccas machinae carinas :
 («Ac neque jam stabulis gaudet pecus, aut arator igni :
 «Nec prata canis albicant pruinis.

LXXII. — Uma AMPLIAÇÃO COM ENCURTAÇÃO, da-dol-a
 CAMÕES NOS *Lusíadas* — Cant. II. Est. LIII :

«Nunca com Marte instructo e furioso
 «Se viu ferver *Leucate*, quando *Augusto*
 «Nas civis *Actias* guerras animoso,
 «O capitão venceu *Romano* injusto ;
 «Que dos povos de *Aurora* e do famoso
 «*Nilo*, e do *Bactra Scytico* e robusto,
 «A victoria trazia e preza rica,
 «Prêzo da *Egyptia* linda e não pudica.

LXXIII. — N'esta IMITAÇÃO POÉTICA, summaria CA-
 MÕES com mimo ao *Cantor* da ENEIDA — no LIV. VIII.
 v. 675 a v. 688 :

«In medio classes aeratas, Actia bella,
 «Cernere erat : totumque instructo Marte videres
 «Fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus.

.....

«Huic ope barbarica variisque Antonius armis
 «Victor ab Aurorae populis et litore rubro
 «Aegyptum, viresque Orientis, et ultima secum
 «Bactra vehit; sequiturque, (nofas!), Aegyptia conjux.

LXXIV. — Em relação a esta IMITAÇÃO POÉTICA nos *Lusiadas* — e ás *congeneres* com ella — com rasão nos diz *Francisco Dias Gomes* nas POESIAS — na Pag. 333, Not. 2 :

..... «e esta é a *mais rara* de todas as IMITAÇÕES, de *quantas* tenho visto nos POETAS que hei lido».

LXXV. — NOS COMMENTARIOS de *Manuel de Faria e Sousa aos Lusiadas* de CAMÕES, dá-nos tambem o nosso *compatricio pombeyrense* da *Ribeira do Visella* — em relação á mesma IMITAÇÃO da ENEIDA na JERUSALEM do TASSO — estas judiciosissimas palavras (Tom. I. Pag. 471) :

..... «parece que el gran TASSO saliò a singular *palestra* con el gran CAMOENS, sobre quien avia de quedar victorioso en la IMITACION d'este lugar de VIRGILIO : — i si el juyzio no me engaña, el TASSO con venir *segundo*, no queda *primero*».

«Veamoslo; que es la est. iv. del Cant. xvi. — Dizé assi : *i esten atentos los juezes* :

*

- «D'incontra è un mare, e di canuto flutto
- «Vedi spumanti i suoi cerulei campi :
- «Vedi nel mezzo un doppio ordine instrutto
- «Di navi e d'arme, e uscir dell'arme i lampi.
- «D'oro fiammeggia l'onda ; e par che tutto
- «D'incendio Marzial Leucate avvampi :
- «Quinci Augusto i Romani, Antonio quindi
- «Trae l'Oriente, Egizj, Arabi, ed Indi.

LXXVI. — Em 1864, deu-nos o POETA *José Ramos Coelho* — «o ultimo dos nossos versores do TASSO em vernaculo» — esta OITAVA ITALIANA ASSIM :

- «Está defronte um mar, que as alteradas
- «Ondas cobre de mantos espumantes ;
- «No meio, em dupla ordem, são postadas
- «Naus e armas, brilhando radiantes :
- «Arde em guerra *Leucates* ; incendiadas
- «São as aguas, como ouro scintillantes.
- «D'um lado *Augusto* e *Roma* ; *Antonio* em frente
- «C' o indo, o egypcio, o arabe, o Oriente.

LXXVII. — Limitando-nos a estes *especimens* apenas; corooal-os-hemos no entanto com «alguns mais» ainda, simultaneos aos *centões*, ás *parodias*, e ás *imitações* — dando o «primeiro logar» a um trabalho, raro na *especie* e valioso.

Alludimos ao TRIUMPHO DAS ARMAS PORTUGUEZAS, exalçando os feitos heroicos da nossa guerra com os castelhanos, posterior á denodada restauração de 1640 : — « opusculo » muito raro na actualidade, devido a André Rodrigues de Mattos — « em 1682 o primeiro versor nosso do TASSO em vernaculo » — IMITANDO, PARODIANDO, e CENTONISANDO n'elle ao *Camões*.

LXXVIII. — Eis-aqui as duas estrophes primeiras d'este POEMETO, impresso em Lisboa em 1663 — e de novo reproduzido no Porto, no Museu Camoniano de Lindolpho Bettencourt e Carneiro e Mello, no TRICENTENARIO de *Camões* no anno de 1880 :

«As armas e os varões assignalados,
 «Que—pelo amor da patria—expondo a vida,
 «Por portuguezes, mais que por soldados,
 «Alcançaram victoria tam subida ;
 «Com VERSOS de OUTRA PENNA sublimados,
 «Para que minha musa seja ouvida,
 «Cantando espalharei por toda a parte,
 «Se a tanto me ajudar o ingenho e arte.

«Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
 «As acções que no mundo eternisaram :
 «Porque hoje do SOBERBO CASTELHANO
 «Maior estatua os nossos derribaram.
 «Prostre-se tudo ao NOME LUSITANO,
 «A quem tantos despojos se prostraram :
 «Cesse tudo o que a musa antiga canta,
 «Que outro valor mais alto se alevanta.

LXXIX. — Em *verso completo* d'estas DUAS ESTROPHES, eis-aqui um TRECHO APROSAICADO, em que o nosso *João Felix Pereira* — em manifesta *aberração litteraria* — IMITÁRA, PARODIÁRA, e CENTONISÁRA o *Camões* tambem, transtornando-nos a seu modo os *Lusiadas* inteiros :

« *As armas e os varões assignalados,*
 « *Que da occidental praia lusitana*
 « *Por mares, nunca d'antes percorridos,*
 « *Alem da TAPROBANA ainda foram ;*
 « *E usados nos perigos e nas guerras,*
 « *Mais do que permittia humana fôrça,*
 « *Entre gente remota edificaram*
 « *Novo reino, que tanto enobreceram ;*

« *E tambem as memorias gloriosas*
 « *D'aquelles reis, que foram dilatando*
 « *A fé, o imperio ; e as viciosas terras*
 « *D'Africa, e d'Asia destruindo andaram ;*
 « *E aquelles que, por bellicas proezas,*
 « *Libertando se vão da lei da morte ;*
 « *Cantando espalharei por todo o mundo,*
 « *Se a tanto o engenho e arte me ajudarem.*

LXXX. — Nos *Lusiadas do Seculo XIX*
 — desmantellados assim NO TRICENTENARIO DO CAMÕES

no anno de 1880 — verão com magna os *estudiosos*, «entre as estropiadas oitavas camonianas», as DUAS aqui de nós alludidas.

Não se creia no entanto, que só então realisára *João Felix Pereira* — COMO HOMENAGEM SUA A CAMÕES — o dismantellamento poetico dos *Lusíadas*.

Folheando-se-lhe a SELECTA PORTUGUEZA — em Lisboa impressa em 1875; e em 1877 ampliada pelo auctor em 3 «volumes» com o titulo de SELECTA NACIONAL — achar-se-lhe-hão «estropiadas oitavas camonianas», desde pag. 184 a pag. 337.

LXXXI. — D'entre as *imitações poeticas* — numerosas em POESIAS patrias — DUAS lembraremos ainda aqui, sem rasão *omissas* nas MONOGRAPHIAS CAMONIANAS — a lume vindas no anno de 1880, no *tricentenario* do *Camões*.

Alludimos á BIBLIOGRAPHIA CAMONIANA do *Dr. Theophilo Braga*, luxuosamente editada pelo *Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro*: — ao CATALOGO OFFICIAL da *Exposição Camoniana* do PALACIO DE CRYSTAL NO PORTO, em que trabalharam *Tito de Noronha* e *Joaquim de Vasconcellos*: — e ao *Catalogo da Camoniana* da BIBLIOTHECA PUBLICA PORTUENSE, coordenado *anonymamente* pelo *guarda-salas* do «estabelecimento» *Ricardo Pinto de Mattos* — só no fim com INICIAES indicado.

Alludimos ainda até ao *Catalogo da Camoniana* do *Bibliophilo José do Canto*, exposta ENTÃO na *bibliotheca publica* de *Ponta Delgada* na «ilha açoriana» de *S. Miguel*: — e alludimos ainda até, e SOBRE TUDO, ao nosso indefesso *Visconde de Juromenha* NAS OBRAS DE CAMÕES, na *menção bi-*

Biographica dos escriptos ao HOMERO PORTUGUEZ attinentes, como *especies litterarias* da *polygraphia camoniana*.

LXXXII. — A *primeira* das IMITAÇÕES POETICAS — de que daremos *indicação* aqui — acha-se em *João Chrysostomo de Faria Cordeiro de Vasconcellos de Sá*, NO EPICEDIO á morte do *Rei D. João V*, em Lisboa impresso em 4.º — em 1750.

É uma IMITAÇÃO DO SONETO LXXXIII do *Camões*, á morte da *Infanta D. Maria*, «filha ultima» do *Rei D. Manuel*, e da «3.ª mulher» *D. Leonor* — irman do «rei da Hispanha» *Carlos V*.

LXXXIII. — Eis-aqui a IMITAÇÃO POETICA alludida, inserta na «ultima pag.» 24 — e que tambem no CULTO FUNEBRE á memoria do *Rei D. João V*, «Collecção II. Pag. 25», acharemos inserta ainda — sem a *designação* do *auctor* :

«Quem levas, Morte, ahí? — DO LUSO a GLORIA.
«Porque a queres levar? — Por lei mui justa.
«Não te intimida um REI? — Muito me assusta.
«Pois atreves-te então? — Por mais vangloria.

«Custou-te a superar? — Guerra notoria.
«Custa a vida a vencer? — A d'um REI custa.
«Que levas por tropheo? — A vida augusta.
«Que deixas por despojo? — Alta memoria.

«Hoje, a fama que diz?—Ais muí sentidos.

«A *Lysia* que recita?—Pena dura.

«Com a magua que faz?—Perde o juizo.

«Onde dás gloria a *João*?—Nos ceos subidos.

«Onde o corpo vais pôr?—Na sepultura.

«E sua alma levar?—Ao *Paraiso*.

LXXXIV.—Em *Camões* nas RHYTHMAS, eis-aquí o SONETO d'esta *imitação*, e a que não deixa de ser *correlato* ainda o xxxvii — como *epitaphio* de *varão clarissimo*, com inicio ao *uso epigraphico* de passadas eras, endereçado aos *viandantes* com o «deprecativo» *Siste, viator*:

«Que levas, cruel Morte?—Um claro dia.

«A que horas o tomaste?—Amanhecendo.

«E entendes o que levas?—Não o entendo.

«Pois quem t'o faz levar?—Quem o entendia.

«Seu corpo quem o gosa?—A terra fria.

«Como ficou sua luz?—Anoitecendo.

«LUSITANIA que diz?—Fica dizendo....

«Que diz?—Não merece a gran MARIA.

- «Mataste a quem a viu?—Já morto estava.
- «Que discorre o amor?—Fallar não ousa.
- «E quem o faz callar?—Minha vontade.

- «Na *côrte* que ficou?—Saudade brava.
- «Que fica lá que vêr?—Nenhuma cousa.
- «Que gloria lhe faltou?—Esta *beldade*.

LXXXV. — Eis-aqui de *José Daniel Rodrigues da Costa* — em *A VERDADE exposta ao REI D. JOÃO VI*, em *Epistola* impressa em 1820 em Lisboa—uma PARODIA do mesmo *Soneto* do *Camões*, omissa igualmente nas MONOGRAPHIAS CAMONIANAS, aqui já de nós indicadas (LXXXI):

- «*Portugal*, que tiveste?—Infermidade.
- «E que mal padecias?—Mal d'entranha.
- «Não te accudiram?—Sim, mas foi patranha.
- «Quem é que te mantémha?—A caridade.

- «E de comer que tal?—Muita vontade.
- «E soffrias secura?—Era tamanha!...
- «Tinhas febre?—O havel-a não se estranha.
- «E agora?—Soffro só debilidade.

«Do que te receitavam, que presumes?
 — «Que intentavam á vida dar-me côrte,
 «Sem terem compaixão dos meus queixumes :

«Mas minorou meu mal, indaque forte ;
 «E á fôrça de dieta nos costumes,
 «NOVA CONSTITUIÇÃO me salva á morte.

LXXXVI. — NAS POESIAS de *Domingos dos Reis Quita* — na *Arcadia Lusitana* o *Alcino Micenio* — ha no Tom. II de 1781, *Segunda edição*, uma IMITAÇÃO POETICA DO SONETO XIX do *Camões*.

É endereçada á morte do mesmo QUITA, pelo amigo confrade *Domingos Maximiano Torres* — ALFENO CYNTHIO na *Academia de Humanidades*, convertida depois em ACADEMIA DAS BELLAS-LETRAS de LISBOA — e só por erro confundida com a *Arcadia Ulyssiponense*.

LXXXVII. — Eis-aqui a IMITAÇÃO POETICA alludida — na pag. 363 inserta — e com *omissão equal* aos alludidos ESPECIMENS anteriores (LXXXV):

«Alma feliz, que para o ceo voaste,
 «Livre d'esta prisão e carcer' cego,
 «Onde gosas — em placido socego —
 «Da SUMMO BEM, que tanto, *Alcino*, amaste!

«As procellas horrificas domaste
 «D'este empollado e furibundo pégo :
 «Melhor que as evitou o SABIO GREGO,
 «As perfidas sereas evitaste.

«Se n'essas regiões sempre ditosas,
 «*Immensa plenidão do prazer puro,*
 «Escutas minhas vozes saudosas ;

«De lá me mostra n'este valle escuro,
 «Com as tuas virtudes luminosas,
 «Por onde subirei a ti seguro.

LXXXVIII. — Em CAMÕES nas *Rhythmas*, eis-aqui o *imitado* SONETO XIX alludido :

«Alma minha gentil, que te partiste
 «Tam cedo d'esta vida descontente ;
 «Repousa lá no ceo eternamente,
 «E viva eu cá na terra sempre triste.

«Se lá NO ASSENTO ETHEREO, ondê subiste,
 «Memoria d'esta vida se consente ;
 «Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
 «Que já nos olhos meus tam puro viste.

«E se vires que pôde merecer-te
 «Alguma cousa a dôr que me ficou
 «Da magua, sem remedio, de perder-te ;

«Roga a DEUS que teus annos encurtou,
 «Que tam cedo de cá me leve a vêr-te,
 «Quam cedo de meus olhos te levou.

LXXXIX. — Eis-aqui uma *parodia* em fim —
 correlativa ao mesmo SONETO XIX do CAMÕES — ex-
 cerptada de *José Daniel Rodrigues da Costa* em
A Murmuração, « Part. Seg. Pag. 34 » — com
omissão equal tambem aos alludidos ESPECIMENS ante-
 riores (LXXXVII) :

«TENÇA minha infeliz, que te partiste
 «Tam cedo, d'estes lares descontente,
 «Não fiques, onde estás, eternamente :
 «Lembre-te quem sem ti vive tam triste.

«Nesse encantado corna onde subiste,
 «Se inda alguma esperança se consente,
 «Vem apagar da fome o fogo ardente,
 «Que desde que me faltas em mim viste.

«Quizera esta fineza merecer-te;
 «Pois no PADRÃO, que apenas me ficou,
 «Foi o mesmo encartar-me, que perder-te.

«Permitta o ceo—que tanto te incurtou!—
 «Què ainda por um anno possa vêr-te,
 «Sem se dizer, que a morte me levou.

XG. — Conhecemos bem, quanto nos deixamos
 correr ao sabor da penna — podendo-nos ter contraído
 em sobra, nos *transumptos* aqui dados.

Seria no entanto em *desproeito* de MUITOS, o que
 tentáramos *forrar* assim em *atensão* a POUCOS — me-
 recendo-nos ainda MUITO MAIS o Fr. *Christovão Osorio*.

XCI. — Nasceu em *Lisboa* este nosso «auctor» da
Pancarpia, tendo por PAES a *Affonso Gomes* e
Maria Osorio: — e entrando na ORDEM TRINITARIA,
 professou no «convento patrio», a 27 de Maio de
 1590.

Em 1217, no reinado de *D. Affonso II*, tinha en-
 trado no reino a ORDEM, com oito religiosos de *França*
 — enviados pelo «Geral» para os «conventos» da
Terra Sancta na *Asia*, e arrojados por uma «tormenta
 do mar» á barra de *Lisboa*.

XCII. — O *Padre Antonio dos Reis* — ornamento
 da CONGREGAÇÃO DO ORATORIO de *Lisboa*, não só como

latinista consummado, senão ainda como *varão sem amor do engrandecimento*, a ponto de regeitar o BISPAPO de *Pekin na China*, assim como no paiz o *governo do arcebispado de Braga* — não se olvidou d'exalçar a *Fr. Christovão Osorio*, como *poeta illustre* da nossa patria.

MEMORA-O NO ENTHUSIASMO POETICO dos seus *Epigrammas Latinos* — com o n.º 179 — d'envolta com *outros poetas eguaes*: — e em «quatro versos portuguezes», na VERSÃO d'esses EPIGRAMMAS com o titulo de *Imagens Conceituosas*, a todos memora assim *João de Sousa Garia*:

«Um *Eça* e um *Saraiva*, *Flavió*, *Osório*,
 «Claros lustres do *Emporio* ;
 «Um *Nunes*, um *Gouvea*, e um *Peralta*,
 «Em que o *Monte* se exalta.

XCIH. — O *Eça* — é *Vicente Sodres Eça e Avila*, LISBOENSE, auctor dos *Donayres de Terpsicore* — Madrid, 1663 :

O *Saraiva* — é *Bernardo da Fonseca Saraiva*, BRACARENSE, «vigario geral» do *arcebispado primaz*, elogiadissimo em *D. Agostinho Barbosa* no «volume» DE POTESTAT. EPISCOP., Part. I. Tit. III. Cap. VIII. num. 18—sendo auctor, «alem de mais», do *poema heroico*

*BELLA inter Regem DYONISIUM, et Principem ALPHON-
SUM filium, impiè et temerè suscitata, à Sanctissima
Regina ELISABETHA per miraculum gloriosè sedata :*
— «lucubração meritoria», impressa ANONYMA em 1626
em Coimbra, na OBRA consagrada á *canonisação*
da *Reiua Sancta Isabel* — no «certame poetico» da
Universidade em 1625 — com o titulo de SANCTISSIMAE
REGINAE ELISABETHAE POETICUM CERTAMEN :

O *Flavio* — é *Flavio Jacobo*, EBORENSE, latinista
insigne, e auctor dos DYSTICHA MORALIA — em o nosso
Achilles Estaço elogiados, e impressos nas DUAS OBRAS
seguintes :

«CATO MAJOR, Veneza — 1592 :

«CATO MINOR, Veneza — 1596.

XCIV. — O *Nunes* — é *Antonio Nunes*, BEJENSE,
«commendatário» do *Hôspital* do SANCTO ESPIRITO em
Italia — irmão de *Fr. Ignacio de Sancta Maria*, «au-
gustiniano descalço» em *Roma e Milão*, e «escriptor
nosso» tambem — auctor das DUAS OBRAS seguintes :

«DIARIO della Misericordia di Dio, Milão — 1666:

«CONSUELO del alma contrita, Milão — (1666).

O *Gouvea* — é *Marçal de Gouvea*, BEJENSE, «lati-
nista insignissimo», irmão mais velho de *André de
Gouvea*, «preceptor e regente» no COLLEGIO de *Sancta
Barbara* em *Paris*, e «principal» depois no COLLEGIO
das Artes na Universidade de Coimbra; e irmão tam-
bem de *Antonio de Gouvea*, «jurisconsulto exalçador»
das Universidades de *Tolosa, Gahors, e Grenoble* em

Frinçt, e ultimamente da Universidade de *Montebvis* na *Sáboya*.

XCV. — Sem de *Mirçul Gouvea* citarmos as INSTITUTIONES *in octo orationis partes* — « Paris, 1534 » — lembraremos apenas as *produçções póeticás* de «subidos qu'ates», amostradas por elle na Universidade de *Poictou* em *Frinçt* — onde fóra «cathedra-tico» — ao «preceptor» depois como elle na Universidade de *Coimbra*, em satisfação de «desejos officiaes» do rei *D. João III*, o «famigerado humanista» *Elvis Vinet*: — varão louvado em *D. Jeronymo Contador d'Argote* nas MEMORIAS DO ARCEBISPADO DE BRAGA — Tom. I. Livr. II. Cap. I. Num. 401 — como *descobridor* d'uma *lapide romana* em *Bragz*, existente em *S. Fructuoso*, e collocada actualmente á direita da *frontaria* da CAPELLA de *S. Sebastião dos Cirvalheiras* — «no cimo d'outra *lapide romana* tambem» — e de que de novo em referenci a *Vinet* se occupa o mesmo *Argote*, no Tom. III, SUPPLEMENTO ao Liv. IV, Num. 1332.

XCVI. — Nem deixaremos de lembrar por ultimo — em testemunho exaltador do *estro latinista* de *Mirçul Gouvea* em *sabor ovidiano* — o *epigramma famigeradissimo*, por elle em *Paris* «instantaneamente» recitado n'um BANQUETE, ao observar *mais agua que vinho* no seu *copo de brinde* — e que nos seus *biographos* costuma adduzir-se, como «documento» de *repentinismo poético*:

«In cratere meo *Tactis* est conjuncta *Lixeo*» :
«Est *Dea* juncta *Deo*, sed *Dea* major eo»

3

XCVII. — O *Peralta* — é *D. João Tássis e Peralta*, 2.º conde de *Villamediana* em *Hispanha*, correio-mór em *Madrid*, e nascido em *Lisboa* em 1580 — quando a *CAMÕES* se finava a existencia — por occasião de virem seus PAES a *Portugal*, acompanhando o rei *Filippe II* de lá e *I* de cá, para se coroar soberano da nossa monarchia.

Celebra-lhe o nascimento *Alonso Lopez de Haro*, no *Nobiliario Genealogico de España*, Part. II. Liv. VI. Pag. 20: — e exalçam-lhe o *estro* as SUAS OBRAS POSTUMAS, impressas em *Alcalá* em 1620 «primeiro» e em 1634 «depois» — em *Madrid* em 1635 — e em *Barcelona* em 1648: — estando-se comtudo como de *Saragoça* as «duas edições» de *Alcalá* — 1620 e 1634.

XCVIII. — Mereceu *encômios* tambem *Fr. Christovão Osorio* — como «auctor» da *Pan carpia* — a *Fr. Lope Feliz de Vega Carpio*, conhecido usualmente como só *Lope de Vega*: — «vate prodigioso», a quem a *Hispanha* deve — «em poesia somente» — o «assombroso parto» de 21.346:000 *versos*!

Assim o escreve no *Parnaso Español* — Tom. III — *Don Juan José Lopez de Sedino*, n'uma NOTA nas *noticias biographicas* do mesmo poeta: — e como á *qualidade metrica* a não prejudicava a *quantidade poetica*, por isso *Anayi* — *Essay on Spanish Literature* — comparava os *versos* de *Vega* a um *jardim delicioso, canteirado de flores donairosas*:

« *Lope de Vega* may be compared to a delicious

garden, which is thick sown with every beautiful species of flowers ».

XCIX. — *Miguel Osorio* — «poeta omissio em *Diogo Barbosa Machado* na *Bibliotheca Lusitana*, assim como em *Innocencio* no *Diccionario Bibliographico*, e tambem no *Manual Bibliographico* de *Ricardo Pinto de Mattos*—con-sagra um soneto em «portuguez» a *Fr. Christóvão Osorio*, alem d'uma DECIMA em *hispanhol* — como a poetára egualmente o *Lope de Vega*.

Nem é para se olvidar este *poeta omissio* — parente do «auctor» da *PANCARPIA* talvez, e não inferior em *conceitos* ao *famigerado vate hispano*; pois não devem omittir-se, em *trabalhos bibliographicos*, nem ainda as *produçoes* de «limitadissimas linhas».

C. — *Lope de Vega*, na *decima* que offerece, *termina-a* d'este modo :

«PANCARPIA téxe de florés
«*Osorio* en tan docta suma,
«Que de *lauré* la presuma :
«Pues de las *inpireas* solas
«*Fenix* celeste én las alas
«Le traxo tambien la pluma.

Miguel Osorio, na sua DECIMA HISPANIOLA tambem, assim d'este modo a *finda* :

«*Osaria* en cada persont,
 «De las que illustrais mejores,
 «Garris notables loores ;
 «Pues en esta hermosa suma
 «Con industria buestra (*sic*) pluma
 «Coge tanta, y vierde flores.

CI. — *Fr. Luiz de Sá*, religioso da Ordem de *S. Bernard*, lente de «theologia» na Universidade de *Cóimbra* — onde fôra egualmente *cancellari*, e tres vezes *vice-reitor* — consagra tres sonetos a *Fr. Christovão Osorio*, em *hispanhol* todos : — um, em allusão ao nome do auctor ; outro, ao sobrenome ; e outro, ao titulo da OBRA.

Nem é menos destre este «religioso», em manejar a *lingua hispanhola* embora alheia, que em eleganciar-nos *phrases portuguezas* na sua propria — repassadas d'entranhado patriótico.

CII. — Espraia-se este *amor di patria* em *Fr. Luiz de Sá* — «em periodos galvanizantes» — nos SERMÕES que as nossas letras lhe devem, RAROS E PREZADOS — e de que tem o primeiro por titulo SERMÃO EXCOMASTICO E DEMONSTRATIVO *di indubitabel justiça, com que o Serenissimo Rei D. JOÃO IV fôra acclamado em LISBOA*.

Recitou-o *Fr. Luiz* em 16 de *Dezembro* de 1610 — passados apenas 13 dias depois da restauração da PÁTRIA — na solemnidade da *ação de graças*, que o senado municipal de *Cóimbra* então eadereçára ao ALTÍSSIMO, no templo do mosteiro da *Santa Cruz*.

CHL. — Nem perderemos a « oportunidade » da *ocasião*, para uma RECTIFICAÇÃO IMPORTANTE em homenagem á *verdade historica* — ultrajada a cada passo NO ENSINO SECUNDARIO NOS LYCEUS, onde com reverencia a deveriam acatar—*na cadeira da historia* — os *preceptores* que a offendem.

Alludimos ao chamar-se a *João Pinto Ribeiro* a ALMA da RESTAURAÇÃO de 1640, planejada *secretissimamente* desde 1638 com electrização do *Sieur de Saint-Pé*, «diplomata francez», de quem não se esqueçera a HISTORIA DE PORTUGAL por uma *Sociedade d'Homens de Letras*, no Tom. VI. Pag. 47: — quando só em 12 do Outubro d'esse anno fôra *Pinto Ribeiro iniciado* na CONSPIRAÇÃO, em casa de *D. Antão d'Almada* — o que SEM RELIÇA é constante do *Conde de Ericeira* no PORTUGAL RESTAURADO, TOM. I. Pag. 88 — alem de corroborado com o testemunho do mesmo *Pinto Ribeiro* em 1342, NA SUA USURPAÇÃO, RETENÇÃO, e RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — na Pag. 220.

CIV. — Consagra tambem *Manuel de Faria e Sousa* — « polygrapho indefesso » — um SONETO e um SONETILHO a *Fr. Christovão Osorio* — « ambos em hispanhol, e identicos ambos » — á parte a *metrica especial* de cada um.

Nem são PRODUCÇÕES POETICAS de somenos valia, as que assim nos dá este «filho egregio» da RIBEIRA DO VISELLA, onde em 1530 nascêra na «parochia» de POMBEIRO, na QUINTA da CARAVELLA, « oriundo d'ascendentes d'illustrado sangue ».

CV. — D'este «berço natalicio», decantavá sempre o *Faria e Sousa* as «saudades» — *quando só em remi-*

niscencias divagava na patria — no meio das BERREGINACÕES em « terras extranhas ».

Nem são das menos *saudosas* — « entre estas reminiscencias » — as que elle sagra a POMBEIRO na *rarissima* FUENTE DE AGANIFE, Part. II. Poem. XII, Est. 100 e Est. 103: — decantando-nos ahí o seu BAPTISMO, d'envolta com o seu FADO GENIAL.

CVI. — Eis-aqui estas DUAS ESTANCIAS alludidas — *scartinas* d'affectuosa expansão d'alma: -

« El baño en este templo se exercita,
 « Que es la primera puerta à ser christiano :
 « Aqui me dió tambien MANO INFINITA
 « Su título, y su nombre soberano :
 « Por el amor, sin musas, decir quiero
 « Es de SANTA MARIA de POMBEIRO.

« Aqui mi vida en un AMENO SOTO,
 « Bien assombrado de castaño e roble,
 « A poner en su rueca empezó CLOTO,
 « En nido — *quando humilde* — en nada ignoble :
 « Una TORRE de LIZES adornada
 « Me dió — *si nõ riqueza* — SANGRE HONRADA.

CVII. — Na «transcripção» do SONETILHO de *Faria e Sousa*, diz-nos Fr. *Christovão Osorio*, que o dera á

LUZ O POETA VISELENSE, IN MEDIDA NOVA QUE INVENTÁRA, e de que fóra o PRIMEIRO ARTISTA ainda.

Não é por isso dos *nossos dias* — «como é de crença geral» — a INVENÇÃO DOS SONETILHOS HODIERNOS.

Vem-lhe do SÉCULO SEISCENTISTA a «proveniencia metrica» — em o NOSSO acolhida apenas, e perfilhada com enthusiasmo.

CVIII. — E POR OS POETAS HODIERNOS — «em especies d'estas» — não darem a DEUS o que é de DEUS, e a *Cesar* o que é de *Cesar*; «merecida verberação» lhes inflige *Carlos Nodier*, «critico francez» d'elevada plaua.

Dá-lh'a no seu escripto *DU PLAGIAT, de la SUPPOSITION DES AUTEURS, et des SUPERCHERIES en rapport aux LIVRES*: — «escripto» de *valiosos quilates*, e so-bajissimo em si para o *renome do auctor*.

CIX. — Eis-aqui o alludido SONETILHO de *Faria e Sousa* — como comprovação da alludida ancianidade:

«Tiene Apolo de vòs zelos,
 «Por pluma que en señalaros
 «Flauta es ya de alientos raros,
 «Ala es ya de raros buelos.

«Las fuentes atais en yelos;
 «Corren peñas a admiraros;
 «Viene a ser el escucharos
 «Oyrse rodar los cielos.

- Texed, texad diligente
- Corona, que en oportuno
- Tiempo ciña vuestra frente.

- Pues misterio offrece a'guno :
- Si en TRINIDAD altamente
- Con *pluma* tambien sois UNO.

CX. — Nem do *Faria e Sousa*, nem do *Miguel Osorio*, nem do *Fr. Luiz de Sá* — «COMO POETAS ENCOMIADORES de *Fr. Christovão Osorio*, auçtor de PANÇARPIA como *Fr. Antonio Lopes Cabral*. — diz uma palavra ao menos o *Visconde de Juroencha*, na «edição monumental» das OBRAS DO CAMÕES.

Falta apenas do *Lope de Vega Carpio* — com «omissão injustificada» do *Paulo Reis*, de quem poderia ver a «indicação respectiva» em *Diogo Barbosa Machado* na BIBLIOTHÈCA LUSITANA. — E faz esta menção nas TRADUÇÕES dos *LUSIADAS e outras OBRAS de CAMÕES*, Tom. I. Pag. 324.

CXI. — Rematando aqui esta *perigrinação litteraria* — «longa em sobra, e em sobra divagante» — a *duas exclamações* d'alma nos força o coração: — UMA, attinente aos OUTROS; e OUTRA, attinente a nós.

A que é respectiva aos *outros*, dizemol-a com o TEXTO dos MACHABEUS, no LIV. II. Cap. VI. versic. 12 :

«Obsecro autem eos, qui *hunc librum* lecturi sunt, ne abhorrescant ».

A que é respectiva a nós, dilemô-la com EXPRES-
SÕES do nosso *Joaquim José da Costa e Sá*, nas LA-
TINAE ORATIONIS PARTICULAE, no *Prefácio*:

..... « antes quiz ser em muitas occasiões diffuso
— que inteiramente esteril ».

== Braga, 40 Junho 1834 ==

O DECANO DO LYCEU

Pereira-Caldas.

TEXTO

EXEMPLAR N.º 2



As armas d'un varão assignalado,
Que da occidental praia lusitana,
Por mar que nunca fôra navegado,
Passou—com quem passou—a *Taprobana* ;
Em os perigos maiores esforçado,
Mais do que permittia a fôrça humana,
(Nas suas—ajudadas da divina—
Com seu sangue horron a *Ordem Trina*):

Aquelle que—com armas valerosas—
Mostrou de portuguez o brío e peito ;
E que com vida, e obras religiosas,
À *India* leva fôro de respeito :
E n'ella pondo as plantas bellicosas
Se assignal-a no mais illustre fôro ;
D'este me ouçam cantar em toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Com o illustre *Gama*, que primeiro
 Cortou os mares antes não cortados,
 Vai *Pedro* com o pae, e companheiro,
 E para o absolver de seus peccados:
 Que como pae, e amigo verdadeiro,
 N'elle seus bons conselhos empregados,
 O filho que o venera, e o respeita,
 Assim—pondo-os por obra—ll'os accita.

Das terras, onde o sol ao pôr-se banha,
 Já chegam, onde formoso apparece,
 Quando a formosa aurora o acompanha;
 E tormenta e trabalho já lhe esquece:
 Que por elle o descanso assim se ganha;
 E ganha quem por elle só mercee:
 Por elle vendo ao desejado *Oriente*
 A *lusitana gente* está contente.

Mais contente ficou *Pedro* animoso,
 Porque espera fazer tal mercancia,
 Que fique farto o peito cubicoso,
 Onde da luz é farto o claro dia:
 Sem trevas quer a tudo luminoso,
 Que afugente as da cega idolatria,
 E ganhe para *Deus* gente infinita;
 Que esta é a mercancia n'alma escripta.

Perdendo o desejo á patria amada,
De dar por *Deus* a vida tem desejo ;
Que seja tanta gente alumiada,
E vencido o demonio e seu despejo :
É que a fé de *Deus* seja plantada,
Tendo seus naturaes dos vicios pejo,
Lembrado em outro tempo já o fôra,
E *Deus* podia fazer o fosse agora.

Menos desposta a terra então estava
De gente obstinada e endurecida,
Que por nossos peccados povoava
Grande parte, por ella estendida :
O mouro, que a torpe scita abraçava
Do impio *Mafamede*, e de vencida
Levando a os simples moradores,
D'idolâtras os faz inda peiores.

Havia grande e dura resistencia
Em tal empreza ; mais *Pedro* se apura,
E aprestando armas de paciencia,
Com ellas quer domar a gente dura :
Com valoroso esforço á insolencia
Dos mouros resistindo, o bem procura
De todos, com um zêlo verdadeiro
Antes do gran *Tiomé*—que elle primeiro.

Entre elles, e os miseros gentios,
 Prêgando e convertendo de contin'o,
 Estravilhando-lhe os ímpios desvarios
 Lhe dá do *Evangelho* a fé e ensino:
 A infernal inveja com desvios
 Com odio e com furor, com desatino,
 Movendo-os a furor, e odio e ira,
 Contra o *sancto* com elles se conspira:

A vida lhe tiraram, e lh'a deram,
 Aonde viverá eternamente;
 Ficando-lhe por gloria se puzeram
 Plantas e o sangue successivamente,
 (*Segundo de Thomé*), onde tiveram
 Os seus trabalhos fim; e docemente
 Repousam em o *ceo*, logrando a gloria
 De tam grande conquista e tal victoria:



MAY 20 1933

